



PRINCIPAL RUA DE CALCUTTA.

C. M. L.
 GABINETE
 DE B. M. S.
 OLIVEIRA

PRINCIPAL RUA DE CALCUTTÁ.

Esta grande cidade é capital de toda a Índia ingleza, e particularmente da presidencia de Calcuttá, uma das tres maximas divisões da mesma Índia britannica, e que se divide em 34 districtos. É situada n'um braço do Ganges a pouca-distancia da sua foz; commercio immenso, industria activa, e collossaes riquezas. Podia chamar-se uma aldeia em 1717; d'esde 1757, pertence aos inglezes que já ali tinham uma feitoria d'esde 1690.

Para não irmos mendigar a estranhos o que temos, e muito bom, de casa, transcreveremos o que diz o sr. José Ignacio de Andrade nas suas *cartas escriptas da India e China*. (Vol. 1.º carta 5.ª) (1).

«... entrei no Hoogly (1) tão caçado da viagem, que só depois de afferrar á Ponta de Diamante comecei a gozar dos primores que embellezam suas tortuosas margens. Que variadas e ricas paizagens! Planicies cobertas de gordas manadas, rebanhos inumeraveis, e arvoredos frondiferos! A engenhosa e liberal natureza mostra-se n'estes logares revestida com tal pompa que excede tudo quanto a phantasia possa inventar e o engenho humano deserever.

«Entrando-se nos suburbios de Calcuttá (3), prados amenos e casas sumptuosas annunciam a capital da India ou o centro do poder inglez na Asia. A riqueza dos edificios, o luxo que transformou as margens d'este rio em jardins deliciozos, mostram o grande custo dos modernos conquistadores do malfadado Indostão.

«Depois que Vasco da Gama chegou a este imperio, formaram os portuguezes estabelecimentos em todos os logares, que lhes offereciam interesses pelo commercio. Entrando no Hoogly, estabeleceram-se em Dandel, que abandonaram no tempo dos Filippes. Ainda ali se descobrem vestigios da nossa antiga opulencia.

«O avultado commercio que faziam nossos maiores nesta parte do mundo, convidou outros povos da Europa a buscar este rio, onde a nesso exemplo fundaram estabelecimentos; os batavos, Chinsurá; os francezes Chandrenagor; os diamarquezes, Siraampour; os inglezes, Calcuttá. D'aqui principiaram estes a estender-se no Indostão, com o pretexto de baterem os maratas, inimigos dos mogoles. Assim levando, com enganos, o seu commercio em pouco tempo, ás provincias de Cassimbasar, Dacá, Patná e Balassar.

«A fundação de Calcuttá teve principio no meado do seculo XVI, na pequena villa de Govindpour sitio pantanoso e insalubre. — O aspecto d'esta cidade encanta, não só pela grandeza dos edificios, mas tambem pelas immensas columnatas, porticos e zimbórios, com que se adorna; porém, sabendo-se que toda a obra é composta de tijolos, e estuque, perde o valor que de longe tinha inculcado.

«Haverá tres leguas de circumferencia, e seis centos mil habitantes, indios e arabes na maior parte. A mistura de povos differentes tende a destruir as preocupações de uns e outros: aqui succede o contrario; os arabes aborrecem os mogoles; os inglezes desconfiam d'estes e d'aquelles; e os indios detestam os arabes, mogoles, e britannicos...

(1) Esta excellente obra, de leitura tão amena quanto instructiva, já teve duas edições de luxo na imprensa nacional.

(2) Braço do Ganges, onde se acha edificada a cidade de Calcuttá.

(3) Os suburbios das margens d'este rio; os do interior são pestilentos.

«...De todos os edificios o palacio do governo é o mais sumptuoso. Tem forma octogona, boas escadas, rico perystilo, e magnificas galerias. No interior ostenta ainda maior pompa; É situado na face meridional da cidade, na fimbria da grande esplanada.

«A cidadella, forte William, offerece nas obras exteriores painel curioso. A muralha occidental é banhada pelo Hoogly; vista de qualquer lado parece mais uma cidade do que uma fortaleza; tantos são os edificios erguidos no interior! Tem perto de uma milha de circumferencia em forma de polygo regular. Recebe em seus bastiões mais de trezentas bombardas. Pode recolher, em occasião de guerra, as familias inglezas residentes na cidade, guarnição de dez mil homens, e mantimento para um anno.

«A cidade tem bons estabelecimentos publicos: 1.º uma especie de universidade, onde os alumnos de outras escolas vem completar os seus estudos: 2.º um collegio sanscrito: 3.º um collegio mahometano: 4.º um gymnastico etc. O bispo, cuja auctoridade abrange a todas as igrejas anglicanas n'esta parte do mundo, reside em Calcuttá.

«No interior da cidade vê-se quadro mui differente do que apparece nas margens do rio. Aqui estão erguidos palacios magnificos: ali ruinas e cabanas; de um lado, praças e bazares riquissimos; do outro, esgotos descobertos cheios de immundicies. Contudo nada chega aos nojentos suburbicos, chamados cidade negra. Para formares idéa aproximada da verdade, imagina uma legua de terreno coberto de fabricas em ruina e de choças, onde moram immensas familias cobertas de trapos. Têm alguns pagodes, asylos da superstição, adornados de idolos de feia catadura; estão quasi sempre cheios de miseraveis creaturas. As ruas são tão immundas que não só difficultam o transitio, pelos montes de lama, mas tambem pela exhalação de vapores insupportaveis.

«Tratando de Calcuttá e dos inglezes, devo tambem fallar dos indigenas. Tem feições bem marcadas, estatura regular, corpo flexivel, cõr azeitonada, cabellos pretos e corridos, olhos scintillantes, e alma capaz de gozar tanto as doçuras do amor como as ligações da amizade. As mulheres são esbeltas e bem proporcionadas; a expressão dos deleites respira em suas feições. Tem os olhos grandes e ornados de crescidas palpebras, signal de grande ternura; contudo, falta-lhes o colorido que tanto embelleza as mulheres da zona temperada. As que pertencem aos abastados vivem na tristeza de ferreos harens, além dos quaes não lhes é permittido lançar a vista; as castas inferiores são mais felizes; ao menos tem liberdade.

ESTUDOS CRITICOS.

III

(Continuação.)

No *Panorama*, e posteriormente em outros jornacs, Mendes Leal estreou-se no romance, mas, forçoso é dizel-o, é este o seu lado fraco. O romance que não reúne todas as condições do genero historico, ou toda a observação das sociedades modernas, é uma excrecencia na arte, um retabulo apagado, em que as cabeças das virgens se distinguem ainda, mas sem as feições que umas das outras as separavam, caracterisando-as. Os romances de Mendes Leal não são para as mulheres, porque essas querem a pai-

xão que, *remue et inquiète*, como da Heloisa de Rousseau disse Napoleão; nem para os artistas, por que estes preferem, na expressão de Voltaire, bom vinho de Borgonha que ajuda a digestão, aos licôres que no fim do jantar a demoram e retardam. O poeta lyrico vingá-se d'estes defeitos do romancista em estrophes magnificas, e não interrompidas, desde um dos seus primeiros ensaios «A rosa branca» até á pomposa ode á morte de Carlos Alberto, digna de hobrear com as duas de Victor Hugo, á morte do duque de Berry e ao nascimento do duque de Bordeaux.

João de Lemos é um dos mais conhecidos e estimados poetas portuguezes. Character sympathico, intelligencia activa e conscia de si, João de Lemos não faz versos pelo prazer banal de rimar, mas só quando o coração já cheio lhe trasborda, como os rios que dormem quietos nos seus leitos, e que de repente despertam, alagando as campinas, vivificando as varseas, e trazendo, como o maná da Escriptura, a abundancia ao acampamento desanimado dos Israelitas. De João de Lemos não ha um livro feito e acabado, apesar das suas poesias darem de sobra para um formoso volume. Aceito pela critica com a defferencia que se deve ao talento; repetido e decorado pelos estudantes das academias e escolas, com o amor que a mocidade tem ao bello, e a tudo aonde sente coração e vida, o seu nome não tem carecido da unidade de um livro para se popularisar. O mysterio é, para a poesia realista de João de Lemos, uma necessidade. Os Hebreus eram guiados no deserto pela carga ardente, mas a mão que a accendêra ficara invisivel, para que o sobrenatural fosse estímulo á fé de um povo incredulo. Ao contrario de outros que a politica faz poetas; a poesia retrospectiva de João de Lemos atirou com elle para os arrayaes da legitimidade. O lyrismo povôa-se de visões e de sonhos; doe-se como a sensitiva de tudo que se lhe approxima, e a cada canto encontra uma Babilonia de aonde volve com lagrimas os olhos para a Sião das suas saudades.

Desde David, o legitimista da fé; até Chenier o legitimista da compaixão; apesar do numero dos poetas do passado, ser menos crescido do que os que se tem arrojado pelo infinito do futuro, e das nossas sympathias serem por estes, não podemos negar que as ruinas são tambem uma religião, e que é tão licito apreciar o gothico na architectura, como na poesia a estatua desabada do pedestal. O lyrismo fez de João de Lemos um homem politico, quando todo o devêra ter conservado para as letras, mas, suas tradições de familia com que elle não quiz quebrar, ou o poder que exercem na imaginação as recordações da infancia, a que Lamartine tão singellamente attribue a sua viagem ao Oriente, pela leitura da Biblia, feita aos serões debaixo das vistas maternãs, fizeram com que João de Lemos, não accitasse a marcha regular e progressiva das idéas do seculo. A sua primeira forma na poesia, foi talvez um pouco re-tumbante, como o jôrro d'agua represado, que de repente se desata no marmore da bacia destinada a contê-lo, e a reprimil-o. O *Livro d'Elyse*, e as poesias de João de Lemos, anteriores ao *Tumulo de Nero*, ao *Festim de Balthazar*, e as *Natus est Jesus*, apalpam ainda a forma; temem o acanhamento, mas receiam a prolixidade, e o ouvido exercitado conhece que o pensamento anda escravizado na rima. As tres poesias citadas no periodo anterior foram o acto da emancipação do poeta. O *Tumulo de Nero*, mais amaneirado do que o assumpto pedia, não tem a lar-

gueza do *Festim de Balthazar*, nem da estrophe da Oriental de Victor Hugo, que é da mesma familia:

Anisi tout disparut sans le resir tourbillon,
L'homme avec la cité, l'herb avec le sillon!
Dieu brûla ses mornes campagnes;
Rien ne vesta debrut de ce peuple d'étruit,
Et le vent inconnu qui souffla cette nuit
Changea la forme des montagnes.

João de Lemos, poeta da escola de Victor Hugo, tem no *Festim de Balthazar* bellezas, e arrojados lyricos, dignos da mais imparcial attenção, e as suas subsequentes poesias não têm diminuido, nem estreitado as proporções da sua musa. Uma poesia é ás vezes bastante para a immortalidade de um poeta. O estribillo guerreiro da *Marselhesa*, entoado nos primeiros impetos da revolução de 89, farão eternamente lembrado o nome de Rouget de l'Isle, auctor do hymno que despertara o entusiasmo da França republicana. Uma só poesia de João de Lemos, *A Lua de Londres*, incomparavel de sentimento e melodia, o faria querido das turbas, assignando-lhe um logar distincto no Parnazo portuguez. Não ha em toda esta mimosa poesia senão uma palavra que desdiga do bom senso e correção de toda ella: a *madeira do bosque*, é uma impropriedade que desejaríamos ver banida de uma poesia que tem estrophes como esta:

Vastas serras de tijollo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim.
Na minha terra uma aldeia,
Por route de lua cheia,
É tão bella e tão feliz!
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra
Nas terras do meu paiz!

O episodio de *Ignez de Castro*, nos *Lusiadas*; o formoso idyllio de Bocage «*A Saudade Maternal*»; o começo do 4.º canto do *Camões*, de Garrett, e a *Lua de Londres*, de João de Lemos, provam que a lingua portugueza pode hobrear com a ternura e docilidade do italiano, como fóra de duvida nos parece que a não intimidam os arrojados da castelhana. Os seis versos finaes da decima que acima citamos tem toda a melancolia da saudade, todo o amoroso requebro que a ausencia da patria inspira em corações que não dormem para a vida do sentimento. Resumindo: José Freire de Serpa é um poeta que parou, protestando com os *Soláus* e as *Innocencias* contra o esquecimento do seu nome.

Mendes Leal, poeta lyrico e auctor dramatico, ainda não disse a sua ultima palavra. Fraco e doente, desde o prologo dos *Renegados*, em que elle nos declara que *é voltando da beira da sepultura que vae dar um passo tremendo no caminho da vida*, ainda um anno não deixou de obter na scena um triumpho, ou de ser lida com interesse uma poesia sua nas columnas de um jornal qualquer. João de Lemos olha com saudade (e com esperanza, talvez!) para a bandeira branca; tentado a sacudir-lhe a poeira, como Béranjer desejava fazer, ao *Vieuc Drapeau* da canção,

Tendo esboçado em traços largos as feições litterarias dos tres poetas que em seguida ao estabelecimento das ideas constitucionaes, se incumbiram de provar que ha vida e intelligencia na geração nova.

Faremos no capitulo seguinte um retrato, em pé, de Antonio de Serpa, nome escolhido entre uma segunda camada de escriptores, que muito tem dado já, e mais promete ainda dar, e em cujo numero se contam Rebello da Silva, Latino Coelho, Andrade Corvo, Silva Tullio, e outros, que no romance, na critica, no parlamento, têm conservado as letras n'uma altura digna de si, e d'ellas. Escolhendo com preferencia Antonio de Serpa para um artigo especial, é porque se nos afigura que tem sido o menos bem avaliado pela critica, que em esquecimento injusto deixara Lopes de Mendonça, antes da — *Revista Peninsular* haver reparado esta falta, n'uma biographia escripta por um dos nossos mais acreditados engenheiros. Antonio de Serpa é um verdadeiro poeta, e não um verzejador, como aquelle de quem Philinto dizia:

Junta Anaereonte em versos, quanto
Negro perá, na alvára, ao branco cysae.

IV

Antonio de Serpa dedicou-se á vida militar por um d'estes insondaveis caprixos da sorte que fez de Luthero um padre catholico, antes de ser o chefe de uma nova seita religiosa. Bacharel, formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, capitão de infantaria, e hoje lente da Escola Polytechnica, Antonio de Serpa terá trinta annos, e ainda não tinha vinte e cinco quando obteve por concurso a cadeira que actualmente rege. Espirito sagaz e analítico, difficil será vê-lo tomar calor n'uma conversa, mas mais difficiloso ainda escapar-lhe a palavra exacta com que caracterisar, depois do dialogo, o alcance ou a inepeia do seu contendor.

Methodico como um mathematico o dia para elle é uma equação, que resolve quasi uniformemente, com a pachorra de um cathedratico, e a regularidade de um soldado. Eleito haverá dous annos, socio da Academia Real das Sciencias, honra a que em todos os paizes aspiram os que mais fingem desprezala, e que o sarcastico epitaphio de Firon deixou em memoria; Antonio de Serpa declinou de si voluntariamente o titulo de academico para se não vêr na contingencia de faltar ás sessões nocturnas, a que os estatutos o obrigavam, preferindo-lhe, com razão, as magnificas rolandas de madame Alboni, que entravam no seu anterior programma do fim do dia. Educado na provincia, e separando-se da sua familia em idade já de entrar no mundo sem perigo, Antonio de Serpa nunca experimentou os baldões da fortuna, e por isso nunca o sceptismo o tentou, como a Rousseau; nem nenhum trecho das suas poesias tem os dolorosos accents das queixas de Gilbert:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour —, et je meurs!
Je meurs, et sur ma tombe où lentment j'arriu,
Aul ne viendra verser des pleures!

Character serio, e inimigo do embuste até na poesia, Antonio de Serpa não é dos que inventam Natercias e Marilias, para terem um pretexto de choramingar. O que sente escreve-o, mas sem aspirar o martyrio; deixando a outros, mais ambiciosos, cuidado de se canonisarem em vida.

Militar, Antonio de Serpa alcançou os postos pelas habilitações scientificas que a lei exige, e não pe-

la antiguidade, potro em que se tortura a paciencia dos rutineiros. As suas primeiras provas foram, como são infelizmente as de todos em Portugal, n'uma guerra civil. O campo em que então militou não o escolheu elle, foi o acaso, ou antes as circumstancias que lá o levaram. Mais habilitado a escrever os *Commentarios*, do que o Cezar sob cujas ordens servia, a deliniar o plano de uma Pharsalia, dous dias de marcha foram bastante, para ser surpreendida, e feita prisioneira, a pequena columna a que Antonio de Serpa pertencia. Feliz, até n'este contratempo, pode esperar o desfeixo da lucta sem ter de combater a revolução popular, a que um protocollo poz termo, como acontece a todos os esforços dos pequenos paizes, desde que a Santa Alliança mascára o despotismo com o nome pomposo de equilibrio europeu. Desconfiado de que não era das cousas mais agradaveis servir debaixo das ordens, não só de quem não inventara a polvora, mas até de quem a não sabia fazer arder, lembrou-se de fugir á monotonia da vida milita: em tempo de paz, apresentando-se como concorrente á substituição das cadeiras de mathematica, na Escola Polytechnica, que obteve, podendo d'ahi em diante entregar-se a cogitações mais serias, que as de contar as fillas de um pelotão, ou de se exercitar na direcção de um rancho regimental, especie do milagre dos cinco pães da Escripura, que fartaram cinco mil homens, fóra mulheres e meninos, diz S. Matheus, que não desprezava os decimaes em prodigios d'esta ordem. A maxima popular que diz que nem tudo é para todos, nem todos são para tudo, fez de Antonio de Serpa o antipoda de Rafael. Reprovado em desenho, unica habilitação que lhe faltava, depois de dous cursos, para entrar na arma de engenharia, se não tivesse alcançado a cadeira de lente, os sons selvaticos do tambor, parodia civilisada da lyra de Orpheu, o trariam ainda preso ao recolher e alvorada de um quartel.

Lente, Antonio de Serpa, tem a bonomia illustrada que separa a sciencia moderna, da pedagogia caustica. Que o estudante ouça, ou adormeça; que leia Boucharlat ou Paulo de Kock, a sua explicação é para todos, e, ensinando tem cumprido o seu dever, deixando ao livre arbitrio dos discipulos a escolha de um diploma limpo, ou o ornato pontegudo da cabeça de Midas. Impassivel e fleugmatico no trato familiar da vida, a imperturbabilidade ingleza não seria um achado na Pninsula, tendo conhecimento do character modesto de Antonio de Serpa. Conta-se que Archimedes, embrenhado n'um calculo de pôr a cabeça em agua a um santo, não dera pelo incendio da cidade em que vivia, e que só á magnanimidade do vencedor devêra a vida, para descobrir o valor de um x , que lhe andava fazendo negaças, atrasando-lhe a resolução de um problema. Se as abstrações de Antonio de Serpa não são tão prolongadas, a verdade é que lhe não desapraz a rotina, e que os trabalhos do gabinete são para elle menos uma fadiga do que um recreio.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

CANDELABRO, OFFERECIDO PELA IMPERATRIZ DOS FRANCEZES A RAINHA D'INGLATERRA.

Esta estampa representa um dos candelabros, do par que foi offerecido pela imperatriz dos francezes á rainha d'Inglaterra. Foi feito na fabrica de Mr.

Minton & C.^a É formado todo d'emblemas de caça, artistica e brilhantemente cinzelados e grupando-se com gosto e elegancia.



Póde-se bem julgar a magnificencia, e riqueza d'este trabalho, para ser reputado digno d'um presente real.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583).

Um sentimento intimo segredava aos corações de muitos portuguezes, que a sua independencia, pres-tes a naufragar n'uma dominação estrangeira, não havia meio de salvar-a senão sentando no throno portuguez, vago pela morte do cardeal rei, um principe natural.

A não poucos se recommendava o prior do Crato, mais pelo que da tempera de sua alma se promet-

tiam, para a continuação das prosperidades de D. Manuel, e D. João III, do que pela apregoada descendencia real. A fortuna desamparou, entretanto, o partido portuguez. E que muito, se, cega como é, mal póde com acerto e justiça eleger os seus mimosos? Qual merito ou virtude ha ahi, a quem a pagan afague e recompense? Qual, a quem não faça guerra desnatural e homicida?

O ouro do Perú, e os exercitos aguerridos de Castella, juraram abafar d'esta vez o exercicio do direito soberano, que do mestre d'Aviz, fizera um rei D. João I; e venceram enfim!

Depois dos revezes experimentados no reino, D. Antonio reunia as reliquias dispersas do seu partido infeliz, e, protegido pela corte de França, aparelhou uma expedição com que intentava ganhar as ilhas dos Açores; garantir a da Terceira, que por elle permanecia firme, e já repellira o poder e as propostas de Philippe II; e preparar n'ellas, como em ponto d'Archimedes, a imitação do que nos nossos dias se fez para a restauração liberal, forças com que passasse á conquista do reino.

Este ultimo sonho, e derradeira esperanza, ainda mentiram ao principe proscripto. Por elle era quasi todo o espirito agoriano, mas poucos podiam resistir ao pezo e compressão das forças hespanholas.

A esquadra de D. Antonio, que em julho 1582 chegou á ilha de S. Miguel e n'ella entrou, mal póde gozar da rapidez do triumpho, que igual ou maior poder do marquez de Santa Cruz corria sobre ella. Doze dias depois, nas aguas de Villa-franca-do-campo, oppunham armada a armada, e, em ordem de batalha, terrivel era o aspecto de ambas as forças. Combatiam, d'uma parte, o desespero d'uma causa quasi perdida; da outra, o receio d'um revez, que podia dificultar, comprometter mesmo a posição, e o passo do soberano de Castella. Eram dous tremendos competidores rivaes, empenhados em lucta de morte! Ao mais infeliz, que succumbisse, ignobil sepultura: ao mais destro, ao vencedor, a posse da belleza que na lucta ambos iam jogar, uma corôa, objecto então de tantas ambições e complacencias; hoje, ornato espinhoso, talisman impotente, cuja fonte miraculosa estancou para sempre!

Já o estampido do canhão e a abordagem annunciavam morte. No mar, retinto do sangue das victimas, fluctuam cadaveres sem conto! Embarcações desmantelladas arrastam custosamente o arvoredo derrubado, que de em torno lhes estorva a carreira. Mas a victoria é de castelhanos, superiores em numero e machinas de guerra, e mais usados na peleja do que as falanges estrangeiras. A pagina do triumpho vac o marquez escrevel-a em Villa-franca-do-campo com o sangue de quasi cem prisioneiros, acção deshumana e selvagem! scena rival das de outras conquistas hespanholas! mancha indelevel á nação, que aspirava ao imperio do mundo, e que assim com tamanha vileza calcava aos pés o direito das gentes!

Chegada era a occasião em que o antigo despeito de Hespanha pudéra saciar-se. Filhos gemeos do imperio sarraceno, a nossa emancipação (n'aquelle tempo heroica, e porventura proveitosa; hoje inconveniente aos interesses do civilisação moderna) fez com que espirito portuguez e espirito castelhano ficassem sendo cousas diversas; e de irmãos, que eramos, nos convertessemos por muito tempo em émulos e rivaes, para não sermos agora, nem devermos ser jámais nem uma nem outra cousa!

Depois de tão amarga provação só as ilhas Terceira e Fayal continuaram a resistencia ao vencedor,

até ao anno seguinte (1583), em que novo e maior poder de nova armada, commandada pelo mesmo marquez, chegou a vencel-as, a despeito mesmo do recente soccorro que tinham recebido de França na expedição commandada por mr. de Chaste.

É d'esta ultima expedição franceza, e dos maus successos com que o partido de D. Antonio desfalleceu de todo, ante o triumpho que rematou a conquista dos Açores pelos hespanhoes, que trata a relação que agora, e em continuação, damos pela primeira vez em lingua vulgar, como valioso subsidio para a nossa historia, por vir illustrar melhor muitos factos d'aquella epocha importante.

A *Viagem feita á ilha Terceira dos Açores pelo commendador de Chaste*, foi original e contemporaneamente escripta em francez. Que o auctor foi testemunha ocular dos successos que narra, parece provavel-o o que elle proprio diz, quando no fim da viagem falla da barbaridade dos biscainhos, cujos navios faziam tambem parte da armada hespanhola. «Plusieurs fois entendant parler de quelque mechante nation, j'ay ouy la comparer à la race des Biscayens; mais je puis assurer *par experience*, que ce sont les plus barbares et de moins d'amitié qui soit au monde.» Seria auctor da *Viagem* o proprio commendador de Chaste? No fim d'ella se diz que elle entregára nas mãos da rainha de França «um abregé de ce discours» e, mais abaixo na allocução, que por essa occasião lhe dirige, confessa que o discurso summario fôra escripto por elle: «vous verrez, s'il vous plaist, ce que la verité m'a fait écrire en ce papier...» Não nos parece pois mui arriscado a erro, suppor que a *Viagem*, que vae ler-se, seja escripta pelo proprio commendador.

Melchisedec Thevenot foi, que nós saibamos, o primeiro que d'ella fallou, e que a prometeu dar nas suas *Relations de divers voyages curieux*; mas não appareceu na primeira edição que fez, e só depois da sua morte vem na IV parte do tomo II da nova edição. Paris, MDCXCVI, comprehendendo 18 paginas *in folio*.

Não só a importancia d'esta *Viagem*, como documentó para a nossa historia, mas ainda a sua raridade, quando é custoso achar exemplares completos da collecção de que faz parte, nos determinaram a dar-lhe por este modo maior publicidade. Em muitas partes do escripto, os conceitos são de critica apaixonada, mas rleeve-se-lhe essa parte de infidelidade, pelo que tem de util nos pormenores historicos. A traducção vae sem innovação na phrase ou estylo do original, porque nos pareceu isso preceito em documento d'esta ordem. Não julgámos cousa instante acompanhá-lo d'algumas notas correctivas, quando as faltas não são capitaes. A critica d'esta, como de outras obras inherentes áquelles successos, reservamol-a para quando em escripto especial tratarmos d'aquella importantissima epocha.

J. DE TORRES.

Viagem feita á ilha Terceira pelo sr. commendador de Chaste, gentil-homem ordinario da camara del-rei (de França) e governador por sua magestade da cidade e castellos de Dieppe e Arques.

A rainha mãe do rei, resolve oppor-se aos esforços que o rei de Hespanha tentava, para reduzir á sua auctoridade as ilhas Terceira e Faial, resto do reino de Portugal, que já possuia havia cinco ou seis annos, sob titulo de visinho forte e esperto: segundo creio; para cujo fim desde muito preparava tanto

em Lisboa, como nos de mais portos do seu dominio, uma grande armada. O senhor D. Antonio aclamado rei do dito reino, depois da morte de seu predecessor el-rei D. Sebastião, tendo por muito tempo implorado auxilio da dita rainha na extremidade de seus negocios, e para isso seguido e andado longamente na corte do rei de França; por boas considerações prometeu sua magestade assistir-lhe, acreditando nas seguranças que el-rei D. Antonio lhe dava, e nos grandes juramentos que fazia de que a ilha Terceira podia defender-se, e conservar-se com mil homens francezes, contra o exercito do rei de Hespanha, que dizia compor-se de cinco ou seis mil homens quando muito; e que n'esta ilha havia seis ou sete mil portuguezes de combate, commandados pelo conde de Torres-vedras, seu vice-rei, com quinhentos francezes, que lá tinham ficado o anno precedente 1583, depois do combate do sr. Strossy, commandados pelo capitão Baptista, italiano, e sargento-mór, e capitão Carlos de Bordeaux. Além disto dizia, que todo o contorno da ilha Terceira media dezoito grandes leguas, era mui difficil de abordar, e não tinha senão tres pontos por onde pudessem entrar, e que eram mui faccis de defender.

Sua magestade acreditando o que D. Antonio lhe dizia, deu ao sr. commendador de Chaste o commando de nove companhias de pé, fazendo-o general d'estas e das outras que ficavam nas ditas ilhas, ordenando-lhe que passasse á ilha Terceira para a defender e conservar. Depois do dito commendador agradecer a sua magestade, lhe supplicou mui humildemente considerasse a importancia d'este plano e d'este embarque, a que não dava consideração pela perda da sua vida, com tanto que pudesse dar alguma satisfação a sua magestade, o que julgava mui difficil precipitando a viagem por causa das proposições d'um pobre rei apaixonado, e desesperado de poder ser jámais restabelecido no seu reino de Portugal, de que lhe não restava senão as ditas ilhas, que se propunha conservar a expensas da honra e da vida d'outrem, sem ter mesmo a menor experiencia em cousas d'armas. O commendador sómente pediu permissão a sua magestade de se embarcar particularmente n'um pequeno navio, e o tempo de poder ir reconhecer a Terceira para lhe fazer com segurança relatorio da sua força, e dos meios, que se podiam julgar necessarios para a conservar. Sua magestade achou estas propostas mui rasoaveis e consentiu no pedido do commendador; comtudo retardou de tal forma a sua partida, e a procrastinou tão largamente, que foi advertida de que o exercito hespanhol se embarcava em Lisboa, e era prestes a fazer-se de vela, o que obrigou o commendador a por-se em caminho promptamente para o Havre-de-Grace com suas nove companhias, por ordem expressa de sua magestade, para se embarcar, o que fez em o dia 17 de maio 1583. Tendo-se demorado vinte quatro dias na viagem, por causa das calmarias e tormentas; e sendo cerca de 40 ou 50 leguas distante da Terceira, destacou um patacho da sua frota, commandado pelo sr. de Cusson, para reconhecer a ilha, e saber se os hespanhoes se tinham já apoderado d'ella; e seguindo o mesmo caminho teve aviso certo de que a ilha inda era livre, e chegou no dia 11 de junho seguinte ao porto da Terceira, junto á cidade, que é grande povoação aberta. Foi saudado com muitos tiros de canhão e arcabuzaria, e mui honrosamente recebido do sr. de Torres-vedras, vice-rei, e portuguez, que deu grandes demonstrações da alegria que experimentava com a chega-

da do commendador e suas tropas. E o povo portuguez gritava em alta voz:

— Viva el-rei D. Antonio, el-rei de França, e o sr. commendador de Chaste, que vem soccorrer-nos!

Na maior parte das janellas da cidade appareciam senhoras a deitar-lhe sobre a cabeça grande quantidade de rosas e outras flores, e vinham lançar-lhe á cara agua de flor de laranja dizendo-lhe:

— Vós sereis regado, já que sois amigo do nosso bom rei D. Antonio!

Isto continuou por todas as ruas da cidade, até que se retirou á sua habitação. Os pobres francezes que lá estavam desde um anno atrás eram tão contentes com este espectáculo, que choravam d'alegria, e vinham abraçar pelos pés seus companheiros e compatriotas; porque pensavam estar degradados n'esta ilha, onde viviam muito mal, pela falta que n'ella havia de todas as cousas.

Logo depois d'esta chegada, d'uma ilha chamada do Pico, veio aviso que da armada hespanhola se tinham descoberto 25 vellas. Immediatamente o conde de Torres-vedras, vice-rei, procurou o commendador para saber o que devia fazer-se, propondo enviar alguma força á ilha do Fayal onde só havia uma companhia franceza; sobre o que o commendador se louvou n'elle, pois sabia melhor o que era a ilha do Fayal, como era fortificada, que saídas n'ella havia, e o numero de homens preciso para a conservar: observando o commendador entretanto que por suas instrucções era mandado conservar a Terceira. Porém continuando o conde suas instancias, pediu-lhe 300 homens para mandar ali, allegando a consequencia da perda da ilha do Fayal, onde o inimigo podia recolher gaieras, e que por este meio a Terceira sempre seria tomada. Emfim determinou-se que o capitão Carlos de Bordeaux lá iria com quatro companhias francezas, e uma companhia de inglezes. Resolveu-se tambem reter os navios em que o commendador tinha vindo, tanto para lhes aproveitar os soldados e marinheiros, como para fazer d'elles uma cadeia com que fechar a bahia d'Angra, tendo conhecido á sua chegada a pouca gente que havia para conservar a dita ilha. Feito isto rogou ao conde que fossem juntos reconhecer as saídas, no que elle consentiu, e foram acompanhados d'alguns capitães. Nisto achou o commendador tudo ao contrario do que el-rei D. Antonio disséra a sua magestade: a saber, que não havia senão tres saídas a d'Angra, a do Porto-judeu, e a da Praia. Além d'estas achou uma infinidade d'ellas, onde se trabalhára sem proveito em pequenos entrincheiramentos muito no interior da terra, e de pouca força: o que foi causa de se separarem homens para pôr em cada uma das ditas saídas, como se segue: em Angra o capitão Baptista, com a sua companhia, que era de 90 homens, e a do capitão Brevel, que era de 80 homens, com alguns portuguezes, e devia guardar as saídas da cidade; desde o monte Brasil até aos fortes de santo Antonio e san-Miguel, no que havia uma grande legua e meia de comprimento, os capitães Bazet e Capon, com suas companhias, que eram de 100 homens as duas, e duas companhias de portuguezes; na Casa-da-Salga, distante do Porto-judeu um quarto de legua, com uma montanha de por meio, o capitão la Valade, com sua companhia, que era de 40 homens, e uma companhia de portuguezes; em Santa-Catharina, distante uma legua da Casa-da-Salga, com uma grande montanha de per meio, o capitão Bourguignon, com sua companhia de 50 ho-

mens, e duas companhias de portuguezes; no porto *Pescart*? distante de santa-Catharina meia legua, e com montanha de per meio mui importuna, que impedia verem-se e ouvirem-se para se socorrerem no caso de necessidade, o capitão la Grave, com sua companhia de 60 homens, e uma companhia de portuguezes; em san-Sebastião, distante po porto *Pescart* meia legua, o capitão Louis, com sua companhia de 40 homens, e uma companhia de portuguezes; em Gil-Fernandes, distante de san-Sebastião uma grande legua, toda de saídas, o capitão Campagnol, com sua companhia de 60 homens, e tres companhias de portuguezes; em santa Margarida, distante de Gil-Fernandes um quarto de legua, o capitão Chonin, com 40 homens soldados e marinheiros, e duas companhias de portuguezes; em Porto Martin, distante de santa Margarida um quarto de legua, o capitão Campols, com sua companhia de 80 homens, e uma companhia de portuguezes; na Praia, que era a saída maior e mais perigosa, e onde esperavam que o inimigo abordasse e fizesse toda a força, distante de Porto-Martins uma grande legua e meia, se postou o commendador de Chaste, com as companhias dos capitães Laste, Aremissac, la Barre, e Lignerol, que eram de 100 homens cada uma, e quatro companhias de portuguezes; em Villa-nova, distante uma grande legua e meia da Praia, o capitão Lahan Rochelois, com 20 marinheiros; e uma companhia de portuguezes; nas Quatro-Ribeiras, distante de Villa-nova legua e meia, um sargento do capitão la Barre, com 15 homens da sua companhia; nos Bistoutos, distante uma legua das Quatro-Ribeiras, em duas saídas, a meia legua uma da outra; o capitão Armando com sua companhia de 60 homens, o mestre-de-campo com sua companhia de 90 homens, com o dito conde e 1.000 portuguezes, que deviam seguir a armada pelas vinhas que havia na Praia e Porto-judeu, e o capitão Pomyme, com sua companhia de 25 homens. Ordenou-se, que se separassem os marinheiros como necessario fosse, e que 50 das melhores cavallos da ilha passariam á Praia ás ordens do commendador para saber dos que fossem primeiro atacados, e que se enviaria o patacho do conde a tomar lingua á ilha de san-Miguel em poder dos hespanhoes, pelo qual, estando de volta, se soube que 15 ou 16 grandes vellas da esquadra já tinham sido vistas. Ao mesmo tempo chegou uma das velas da frota do commendador, que o mau tempo retardára na viagem, e mal chegou todos os capitães dos navios vieram pedir ao commendador que os despachasse para voltarem a França, já que toda a sua frota chegára. Occorreu isto na presenca do conde, que ponderou ao commendador que as forças que elle trouxera á Terceira não eram sufficientes para a conservar, e que contra elle protestava-se deixasse partir os capitães e os navios, havendo descoberto muitas saídas a que ainda se não attendera e não houvera nem meio nem vagar de fortificar, pois a armada hespanhola se aproximava. Tendo o commendador ouvido estas ponderações, não quiz permittir aos capitães dos navios que se fossem, antes lhes ordenou que ficassem, e fizessem desembarcar a sua genta e depois de terem contestado muito, promettendo os capitães obedecer fizeram o contrario no dia seguinte, e á uma hora depois do meio dia a embarcações do capitão la Haye, a Roberge do sr. de Sarlobret, o navio de Poupietre, e um outro chamado o Rei, se fizeram á vella e se foram sem despedida. O commendador foi atrás d'elles n'um patacho até oito ou dez leguas ao mar, e lhes

ordenou ainda da parte do rei, e sob pena de morte, que voltassem á ilha, pela necessidade que n'ella havia, e ser isso de importancia para o serviço de sua magestade: elles porem puzeram-se em armas, e responderam ao commendador que nada conseguiria, e que não queriam perder-se como elle e todos os que o acompanhavam, por que sem duvida todos quantos estavam na Terceira dentro em dez dias teriam a cabeça cortada, pois os portuguezes trairiam os francezes: rogaram-lhe se retirasse sem mais ordenar, o que elle fez, não podendo usar de força.

Estando de volta enviou outro patacho a tomar lingua, o qual descobriu toda a esquadra á vela, caminhando para a Terceira, do que advertido o conde veiu ter á Praia com o commendador, assegurando-lhe que a armada hespanhola era de quarenta grandes embarcações, duas galeras, duas galeotas, e o resto pequenos navios ou patachos, prefazendo o numero de cem velas. Immediatamente foi o commendador reconhecer os fortes, que ficavam ao longo da Praia, e ver se estavam munidos como se ordenára, quando ouviu as sentinellas que das montanhas davam o alarma ao som de sino, porque descobriam a armada. De volta á Praia disseram-lhe que o conde, ouvido o alarma, se retirára a Angra, onde tinha quartel.

Na manhã do dia seguinte, que foi 23 de julho, toda a armada appareceu diante da Praia a uma legua da terra, e aproximando-se cada vez mais conservava-se ao longo da costa da ilha. O commendador a seguia até Santa Margarida, em que ella deu fundo, occupando uma linha de um quarto de legua: antes que as galeras dessem fundo, como a almiranta, se aproximaram tanto d'uma saída onde só havia portuguezes, que sobre ellas fizeram algumas descargas de canhão. O commendador do Mayet, estando perto com alguns soldados francezes, avançou para ali, e como fosse chegado as galeras se retiraram. Nesta saída se postou o capitão Pomynet, com a sua companhia, que era de 30 homens.

No domingo seguinte ao romper do dia as galeras vieram á Praia, mui perto de terra, atiraram muitas canhonadas e arcabuzadas ás trincheiras, e enviaram um batel para reconhecer as saídas, o que fizeram de mui perto, tanto mais quanto não fazia lua: nascido o sol retiraram-se á armada, e depois do meio dia ainda foram ao longo da costa reconhecer todas as saídas, e fizeram alguns tiros de canhão sobre os logares em que viram gente. O mestre de campo se veiu postar com sua companhia nas saídas que havia entre Gil-Fernandes e Porto Pescart. Pelas duas horas da tarde veiu da esquadra uma barca, que trazia um signal branco, e vinha a terra ao quartel do commendador do Mayet, o qual lhe mandou fazer tres ou quatro tiros de canhão, para que ella não reconhecesse a saída, com o que a barca se retirou. O commendador de Chaste, que inda não via chegar o conde, mandou dizer-lhe que achava mui singular, que elle não apparecesse no exercito; que os francezes e portuguezes faziam d'isso muito mau conceito; e que lhe rogava viesse e lhe enviasse a cavallaria, que se pedira, á Praia, e bem assim outro capitão para substituir o que commandava os portuguezes, de quem estes desconfiavam e por suas demonstrações o tinham por traidor ou poltrão; e que desse entretanto ordem para que os soldados tivessem pão, porque desde que apparecera a esquadra tinham tido tão pouco, que estavam famintos.

No dia seguinte, segunda feira, antes do amanhecer todas as galeras vieram á Praia, e atiraram gran-

de numero de tiros de canhão e arcabuz, mas uma hora depois do naseer do sol se foram, e todo o dia estiveram ao longo da costa reconhecendo-a de mais perto: o commendador as seguiu até á armada, e encontrou no caminho o portuguez D. João de Castro, que o conde lhe mandára para commandar a companhia da Praia, o qual da parte do mesmo conde, lhe entregou uma carta, que este recebera do Marquez de Santa Cruz, general da armada hespanhola, por dous portuguezes da Terceira, que elle tinha prisioneiros, e que lhe enviára a nado, com a carta preza por um cordão ao pescoço d'um d'elles, já que lhe não queriam consentir que a barca se aproximasse para parlamentar. Por esta carta persuadia o Marquez ao conde que entregasse a ilha ao rei de Hespanha, ao qual dizia pertencer, e a assegurava pela sua honra do perdão que sua magestade daria á sua desobediencia passada, não obstante a qual sua mulher e filhos, que estavam prisioneiros em Madrid, em Hespanha, seriam postos em liberdade, e restituídos, mais elle, ao pacifico gozo de seus bens; e que sua magestade o honraria com bellos cargos e meios. Pelo que tocava aos francezes, que estavam na ilha, que tambem lhes perdoava sabendo bem que em todo o tempo se haviam exposto nos lugares onde se deram para isso as mais bellas occasiões, e que tinha ordem de sua magestade para os mandar abonar por tres mezes, e lhes dar passagem para França com os navios em que tinham vindo. Concluia dizendo, que inda que de nenhum modo duvidasse da tomada da ilha, comtudo para mostrar que seu amo era principe clemente e benigno, da sua parte mesmo com a força na mão, fazia estas offeras e honestas propostas,

Logo que o commendador viu o contheúdo da carta rasgou-a sem a communicar a ninguem, e sobre a tarde veiu o conde procural-o á Praia com a cavallaria, e lhe prometeu mandar 60 cavallos perto da noute, o que não cumpriu. Retirando-se ao seu posto passou pelos do mestre de campo, e do commendador do Mayet, que lhe disse ser de opinião, que o inimigo se dispunha a dar no dia seguinte sobre Porto Judeu, ou sobre Santa Catharina, onde não havia força sufficiente para o repellir, pedindo lhe enviasse os marinheiros francezes que estavam em Angra, para os collocar ali, o que o conde prometeu, assegurando ao mestre de campo, e ao commendador do Mayet que lá seria tambem com 4:000 homens: ao contrario porém do promettido encontrando no caminho os marinheiros reconduziu-os a Angra, e não houve mais noticias d'elle até á tarde do seguinte dia do combate. Mesmo á noute o mestre de campo, e do Mayet ordenaram ao capitão Baptista enviasse a sua companhia a prenoutar n'uma montanha sita entre Santa Catharina e Porto Judeu, para socorrer um outro d'elles quando o precisassem; o que elle tambem não fez, antes foi ficar em S. Sebastião, distante de lá uma legua.

(Continúa.)

Para o homem poder dar larga e desassombrada expansão ao espirito, é mister que no coração lhe faisque o puro sentir de nobre e desinteressado amor. O homem alheio a este sentimento impossivel lhe será tentar arrojados vôos do espirito pelas vastas regiões da idialidade.

B.